

## TEOCRASÍLIA: DISTOPIA DE UM BRASIL POSSÍVEL

Denis Mello, autor de *Teocrasília*, é um quadrinista brasileiro de 31 anos. Formado em Belas Artes pela UFRJ, fez sua especialização em HQs na Escola Europeia Superior de Artes Visuais, em Angoulême, na França. Dentre os seus trabalhos mais famosos está seu web quadrinho *Beladona*, que venceu prêmio HQ Mix em 2013, 2014 e 2015. O autor já recebeu o mesmo prêmio por outras categorias como desenhista revelação (2013), e ano passado ganhou o HQ Mix 2019 nas categorias de Arte Finalista Nacional e Web quadrinho com a obra *Teocrasília*.

A Revista Escrita entrou em contato com o autor Denis Mello através das redes sociais e solicitou por e-mail que ele respondesse a dez perguntas referentes à sua obra *Teocrasília* (2016), uma história em quadrinhos que relata um futuro distópico no Brasil, com a instauração de um regime teocrático. Apesar de ter sido lançada em 2016, desperta atenção a semelhança do regime descrito na história com os rumos que o país vem tomando com uma política cada dia mais conservadora. A obra busca fazer justamente o diálogo entre a arte e a política, aliando-se ao tema proposto da edição, e mostra que uma obra em quadrinhos, vista com certa desconfiança, às vezes somente pelo viés do entretenimento, pode conter uma carga crítica e suscitar questionamentos sobre a narrativa política do momento. Agradecemos mais uma vez a disponibilidade e a participação de Denis Mello.

Por Camila W. Uchoa e Sergio Schargel Maia de Menezes

### 1- Qual foi a repercussão de Teocrasília? Houve ataques religiosos?

Até o momento tenho tido dificuldade de furar minha bolha de alcance. Eventualmente em momentos em que realizei campanhas de *crowdfunding* consegui alcançar nas redes sociais pessoas de perfil mais diversificado, e recebi alguns ataques, porém a maioria com um perfil mais voltado para o político do que o religioso especificamente. Claro que os ataques foram de pessoas que não se deram o trabalho de ler a obra. Mês que vem teria início uma nova parceria com a destruição da história dividida em capítulos, distribuídos por bancas de todo o país, mas infelizmente essa nova etapa está suspensa devido à pandemia do coronavírus e acontecerá apenas em formato digital.

**2- Como você classificaria o sistema político de Teocrasília? Obviamente é uma teocracia, mas digo, você o entende como um sistema fascista? Quais semelhanças e diferenças você enxerga em relação ao nosso governo atual? Você escreveu o livro em 2018, já enxergava o crescimento de um movimento teocrático?**

Teocrasília apresenta um regime fascista religioso instaurado no país. O sistema político é melhor descrito no prólogo, publicado ainda em 2016. Sua maior esfera, o Divino Altar, é composto por um agrupamento dos mais ricos e influentes líderes religiosos do país, sem outros poderes para fazer um balanço e estabelecer limites, de forma que utilizam os dogmas religiosos como ferramentas de manipulação e controle da população. O livro foi escrito em 2016, desenhado em 2017 e publicado em mídia física em 2018, mas os leitores tiveram acesso online à HQ desde maio de 2017. O crescimento de um movimento político altamente permeado por ideais religiosos já me parece evidente há muitos anos. Contudo, no mundo real, não creio que o objetivo seja a instauração de um movimento teocrático oficial e sim uma fachada com nome de democracia, porém com cara, cheiro e gosto de regime totalitário. Qualquer passo nesse sentido é prejudicial para a democracia e para a sociedade livre.

**3-Como você se sente vendo o seu quadrinho de um futuro distópico cada vez mais real? Tendo em vista que você pretende levar a história de Teocrasília por 6 livros, ainda mantém essa ideia, já que a história já está convergindo em diversos pontos com a realidade?**

Fico triste com essa aproximação escabrosa do mundo real com meu trabalho. O planejamento está mantido porque a matriz da história foi escrita ainda em 2016 e nada até aqui me fez alterar seus rumos e de seus personagens, pelo contrário, acho que é cada vez mais importante contar essa história o quanto antes. Embora o objetivo no momento não seja a publicação de 6 livros com arcos de 4 capítulos, mas sim a publicação de 24 exemplares bimestralmente nas bancas, livrarias e *comic shops* de todo o país. Já estou com a parceria fechada, só precisamos sentir segurança no mercado para iniciar essa distribuição que começaria agora em Junho. Basicamente uma mudança no formato, mas não no tamanho nem no conteúdo e torcendo pra que a conversão de pontos entre a HQ e o mundo pare, pois os rumos a partir do próximo capítulo são

bastante sombrios, explorando, por exemplo, o que acontece com os presos políticos. De todo o modo, também publico as “teocrasílas extras”, que são publicações *spin offs* desse universo, mostrando aspectos dele que não cabem ser incluídos na narrativa principal que já possui muitos personagens e é importante explorar a trajetória deles livre da obrigação de mostrar todos os aspectos da opressão social imposta por esse regime teocrático.

**4- Em muitos aspectos o seu livro parece mais próximo de nós do que distopias como *O conto da aia* (Margaret Atwood, 1985), ou *1984* (George Orwell, 1949). A impressão que passa é que estamos a alguns anos de distância de Teocrasília. No livro não especifica o que aconteceu para que houvesse essa guinada religiosa no Estado, apesar de retratar uma guerra civil. Por que não quis explicitar o processo que levou à guinada teocrática?**

Justamente porque na história principal já são apresentados muitos personagens e existe uma narrativa ali que não pode se desviar ou correria o risco de perder a coesão. Por isso essa HQ principal já começa com esse cenário estabelecido, o processo para chegarmos ali não é tão importante para entender a história. Mas eu considero muito importante a leitura do prólogo “Teocrasília: edição histórica” um jornal publicado em 2016 que narra os acontecimentos desde as jornadas de 2013 e o impedimento de 2016, passando por algumas fases fictícias até a eleição seguinte, vencida pelo famigerado “Capitão Malenda”, que é uma clara apologia ao Jair Bolsonaro. A partir de sua eleição, cujo slogan era “Deus acima de tudo e todos” inicia-se um período de transição de sistema político. Ali também é explicado sobre o Retiro Solidário Laico, pois esse jornal simulava um material prospectado pelo grupo no livro que seria lançado 2 anos depois. O projeto é muito bem pensado, a dificuldade aqui é investimento pois quadrinhos tomam muito tempo para ficarem prontos, especialmente quando precisa dividir o tempo com outros projetos para pagar as contas. Mas sim, eu quis explicar como as coisas chegaram naquele ponto, só não quis investir tempo na narrativa principal para isso, pois ela tinha outros objetivos que são exclusivamente voltados para a trajetória e arco daqueles personagens, mas todo o universo ao redor dessa narrativa está sendo explorado em outras publicações tornando aquele mundo mais palpável, coerente e assustador.

**5- Há em Teocrasília uma força muito grande na presença da resistência. Até idealizada, de certa forma, com personagens heróicos, em luta contra a opressão política e religiosa. Todavia, apesar de estabelecerem uma utopia em determinado momento do livro, ela logo é destruída pelas forças do poder. Para você, a distopia prevalece sobre a utopia? Qual é a função de uma distopia? E de uma utopia? Traçando um paralelo com a realidade, como você acredita que aparecem essas formas de resistência atualmente? Em seu *Instagram* você fala sobre uma “arte antifa”. O que seria isso? Qual o papel que a arte pode assumir como antifascista?**

Bom, o espaço utópico criado por alguns personagens do livro precisou ser destruído, pois por ser utópico não poderia existir. A partir disso, veremos que mesmo aquelas pessoas que estavam procurando seguir sua existência “à parte” do sistema não são perfeitas, e muitas dessas imperfeições são citadas ao longo da história. Minha ideia não é idealizar esses personagens em momento algum nem colocar como heróis no sentido clássico da palavra. Creio sim que as distopias prevalecem sobre as utopias, pois utopias requerem um perfeito funcionamento e comportamento de pessoas ou instituições e isso é impossível, enquanto o contrário parece ser sempre nossa inclinação natural. Aliás, não é uma força do poder que destrói o campo, mas sim uma milícia civil fanática, algo que agora está começando a se estabelecer no mundo real.

Vindo para o mundo real e suas resistências, creio que ainda estamos perdidos no momento, mas conforme um lado começa a se definir melhor, creio que as respostas a isso também vão se encontrando, faz parte de um balanço. Da minha parte já fui muito pra rua, até que em determinado ponto tive o braço quebrado pela polícia e entendi que eu poderia fazer muito mais da prancheta quando pudesse voltar a desenhar. Quando tive a ideia de Teocrasília e comecei a trabalhar nesse conceito, e sabendo o quanto de tempo isso me tomaria, entendi que a minha forma de atuação no cenário que se aproximava seria através da arte permeada de conteúdo político, que mostra de forma “prática” os perigos de cedermos a determinados interesses na esfera política. Poderia dizer que em meio a uma esquerda que procura se encontrar, eu sei aonde estou e qual o meu caminho, porque já estava nele antes. Não comecei com um projeto que visava confrontar um governo, meu roteiro pra HQ principal é exatamente o mesmo desde 2016, até o momento não fiz alterações, mas acho que isso vai ser difícil de acreditar quando a HQ começa a se aproximar do Capitão Malenda que é uma figura sádica, mas muito mais inteligente do que Bolsonaro. Bolsonaro não serve como vilão de uma boa

história, ele é estúpido e burro demais para que um leitor criterioso o compre como alguém tão influente.

**6- Quais suas inspirações para a obra? Você é fã de obras distópicas? E de histórias em quadrinho de super-heróis? Dentro dos personagens do Teocrasília, você se identifica com algum deles? Tem um pouco de você no personagem Yuri, que também é um artista? Acha que o alcance de um quadrinho pode ser maior do que o da escrita sem imagens? Considera que para certos assuntos a máxima “desenhando para entender” funciona melhor com o público?**

Curto obras distópicas de forma geral, das pós-apocalípticas e *sci-fi* super-futuristas até as ficções políticas. *V de Vingança* (Allan Moore e David Lloyd, 1982) foi um quadrinho que mudou minha vida, mas leituras como *Fundação* de Isaac Asimov (1951) e *Ensaio Sobre a Cegueira* (Saramago, 1995) também foram muito inspiradoras. Eu já li muitos quadrinhos de super-herói, já fui colecionador por muitos anos, mas hoje não compro mais, é uma leitura que não corresponde aos meus anseios como leitor. Nada contra mesmo, gostos podem mudar.

O Yuri sou eu, na verdade. Para alguns personagens da história principal eu utilizei a mim e amigos muito próximos, pois enxerguei nisso uma forma de escrever personagens complexos e muito bem desenvolvidos, por imaginar pessoas que conheço profundamente agindo num cenário como aquele, isso me permitiu “prever” suas ações de forma coerente com o seu perfil pois são pessoas reais com angústias e questionamentos reais. Eu consigo “pensar” na pele deles com mais facilidade, além de já ter uma dinâmica de relacionamento entre todos que eu domino.

Acho que talvez o alcance possa ser maior apenas por vivermos numa sociedade que é muito bombardeada com informação visual. De alguma forma foi como voltarmos às cavernas, a sociedade está o tempo inteira chapada, consumindo involuntariamente design e programação visual, filmes e séries são acessíveis o tempo todo a qualquer hora, existem os games e a internet com suas redes sociais. Acho que isso tudo mata demais o consumo de entretenimento em forma de texto. O quadrinho é um meio termo, exige que o leitor “leia” ao invés de apenas assistir, mas existem componentes visuais que talvez tornem aquilo mais interessante. Acho que o consumo de literatura hoje em dia é literalmente um ato de resistência se considerar a projeção da mudança de hábitos de consumo de mídia dos últimos anos nas próximas décadas.

**7- Na música *Geni e o Zepelim* (Chico Buarque, 1978), a qual há uma citação na HQ, a personagem Geni enfrenta o seu asco a pedido da tríade que sustenta sua cidade (poder público, capital e igreja) para salvá-la do homem que vinha no zepelim e que a ameaçava. Mesmo depois de ter livrado a cidade do perigo, tendo seu corpo usado como objeto, ela é apedrejada pelos mesmos que lhe pediram ajuda. Já na HQ o inimigo é justamente esse poder público, aliado ao capital e à Igreja. Diferentemente da música, não há um inimigo de fora. Para salvar a cidade há uma heroína, a personagem Vicky, que vem justamente do exterior, apoiada na sua ciência (sendo uma doutora que retorna de um país europeu). Você acha que a tríade formada por ela (ciência) e os demais protagonistas subversivos, o artista (arte) e o funcionário público (burocracia), representam a força que falta para alterar a estrutura dessa sociedade? Ou essas referências são feitas justamente como uma crítica do que não funciona para alterar essa sociedade?**

Na verdade a essência dessa referência no quadrinho é justamente o valor de juízo que a sociedade faz dessa e daquela Geni, que é o mesmo. Vicky é considerada uma mulher promíscua, vista pelos bons cidadãos como algo que não deveria estar ali. Por isso procurei usar apenas a primeira parte da música. Achei muito interessante a sua associação, mas em momento algum a Vicky se propõe a ser uma grande salvadora. Ela é uma cientista, mas tem a postura resignada de que não existe mais espaço para ela ali, ela não quer ser uma heroína. Ninguém ali quer ser herói. Os rumos da HQ mostrarão que todo mundo num cenário como esse acaba sujando as mãos, porque a violência e falta de civilidade se tornam uma bola de neve.

**8- A frase de um dos personagens “Não acompanho mais as notícias, é muito tóxico”, representa uma postura adotada por muitas pessoas sensatas hoje. Em que medida você acha que é importante estar informado para enfrentar os problemas políticos hoje? (e atualmente o combate ao Covid-19) Qual o limite entre informação e toxicidade?**

Acho que é de extrema importância estarmos informados, mas também sofremos uma grave crise informacional. De onde vem a informação que as pessoas consomem? O que leva elas a considerarem uma fonte segura e outra falsa? Algum dia a mídia tradicional

deteve esse posto de “fonte correta”, mas hoje vemos diferentes emissoras e jornais com diferentes alinhamentos que divergem absolutamente em suas abordagens, temos na internet um verdadeiro campo minado com informações falsas e já podemos ver os impactos disso.

Eu poderia dizer que esse limite é o mesmo entre a sanidade e a alienação, mas algumas pessoas que escolheram não ser alienadas acabaram seguindo por um caminho alucinante de negacionismo esquizofrênico e fascismo. Acho que o que devemos buscar agora é sanidade, pois se as pessoas abrirem mão do racional, nós estaremos num buraco cada vez mais profundo, e sobre saúde mental cada pessoa sabe ou vai conhecer o seu limite. Eu particularmente tenho uma grande tolerância para ler as piores notícias, as mais desanimadoras e tóxicas. O meu apetite é por compreender os processos que se desenrolam na política nacional, não só por mim, mas pelo meu trabalho.

**9- Teocrasilia é claramente uma alusão a uma determinada corrente religiosa que vem conquistando cada vez mais fiéis. É curioso que, essa igreja se inspira na religião judaica, por vezes copiando símbolos, mas ao mesmo tempo, busca inspiração também em uma posição de discurso de líderes fascistas, como Hitler, que era justamente contra os judeus. Como é possível articular discursos tão contraditórios como esses para conquistar fiéis?**

São líderes inteligentes e muito astutos. A sociedade brasileira é tradicional, religiosa e preconceituosa. Esses homens souberam alimentar os pontos mais retrógrados, mas que também geram identificação de muitos e colocam esses conceitos podres como a submissão da mulher ao homem como desígnios e dogmas divinos, e isso priva o adorador bitolado da possibilidade de questionar. Se Deus é contra os gays, quem será a favor? Então no máximo fica aquela postura de “vamos aceitar”, mas primordialmente você já amarrou a pessoa num preconceito fundamentalista, para muitos agirem de forma mais exagerada é um estalo. A esquerda agora está também sendo transformada em um inimigo, sendo "endemoniada" e associada aos “piores valores possíveis”. Essencialmente criam inimigos para depois incitar os fiéis a destruí-los, ou simplesmente fazem com que compreendam e sejam cúmplices de sua dizimação num outro momento em que exista um domínio militar desses líderes sobre a sociedade. Uma coisa posso dizer: está sendo "admirável" ver com os próprios olhos como o fascismo age, como ele se desenvolve e se estabelece não só nas instituições, mas na cabeça da

população, a ponto de ver pessoas abraçando conceitos inaceitáveis em nome seja lá do que for. Particularmente já vi gente na rua falando sobre matar os comunistas e sobre fechamentos com militares. Independente de onde isso possa chegar na prática, chegou na cabeça e no coração de muitos, então nós já perdemos enquanto sociedade, infelizmente.

**10- Você acha que faltou esse tipo de material (HQ e outras obras visuais) para sedimentar a memória brasileira contra a ditadura, por exemplo? Acha que por isso é um discurso aproveitado pela religião, pela falta de memória sobre a gravidade da situação que foi o período ditatorial?**

Proporcionalmente acho que não. Houve uma ou outra obra muito boas sobre isso, mas faltou investimento para que elas pudessem se destacar e para fomentar a produção de HQ e áudio visual de forma geral, independentemente do gênero. Faltou investimento para que o consumo de arte e cultura fosse mais disseminado enquanto hábito, de forma que naturalmente essa temática seria mais consumida em números absolutos. Agora temos uma aparelhagem tamanha que o filme do *Mariguella* (de Wagner Moura, 2019), que já foi assistido em diversos festivais pelo mundo no ano passado, até o momento não conseguiu estreiar por aqui. Essa falta de memória recai também na educação que deveria falar mais sobre a democracia, as instituições e sua importância.